



Nome do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_ 8º Ano

Campos dos Goytacazes, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020 1º Bimestre

*\*49 anos de dedicação ao ensino \*49 anos de dedicação ao ensino \*49 anos de dedicação ao ensino*

## Resumo de Filosofia

### O conhecimento se inicia pelos sentidos

#### 1. O empirismo

Na unidade anterior, estudamos o racionalismo. Vimos que os racionalistas, como Descartes, Espinosa e Leibniz, defendiam que a origem do conhecimento estava na razão. Para esses filósofos, algumas ideias já nasciam com o indivíduo, independentemente da **experiência sensível** que ele tivesse com o mundo, isto é, do contato com os seres da natureza e as coisas criadas pelo homem. Por exemplo, Descartes afirmava que a ideia de Deus não surgia de qualquer **percepção** ou experiência sensível, mas sim com o nascimento do indivíduo.

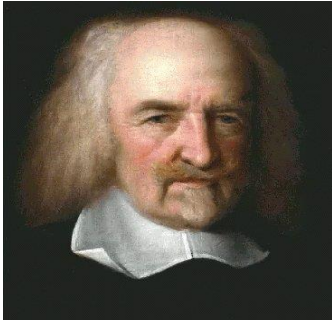
Os filósofos **empiristas** pensavam de maneira bem diferente dos racionalistas. Segundo eles, a origem ou a fonte de todo conhecimento estava na experiência sensível. Em outras palavras, a razão, por si só, não poderia conhecer. Os empiristas defendiam, então, que todo conhecimento tem como base os órgãos dos sentidos e a percepção. Em outras palavras, o indivíduo conhece as coisas por meio da visão, do tato, do olfato, do paladar e da audição.

Por exemplo, como você conhece um sorvete? Vendo sua forma e cor, sentindo seu cheiro, provando seu sabor, percebendo sua textura. Por meio dessas sensações, você tem ideias a respeito dele. Assim acontece com as outras coisas que conhecemos. As ideias que formamos na mente dependem, de alguma maneira, dos sentidos, da nossa percepção.

Dessa maneira, os empiristas não acreditavam na existência de ideias **inatas**. Para eles, todas as nossas ideias ou noções intelectuais teriam relação com a experiência sensível.

A tradição do empirismo é longa, sobretudo na Inglaterra. Entre seus principais pensadores estavam Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke, George Berkeley e David Hume. Nesta apostila, estudaremos Locke e Hobbes, que influenciaram várias áreas de estudo. Veremos a contribuição desses dois filósofos para o conhecimento e a política. Em seguida, estudaremos Berkeley e Hume.

#### 1.1. Thomas Hobbes



Thomas Hobbes (1669) – John Michael Wright. O pensamento de Hobbes ficou mais conhecido nos âmbitos da ética e da filosofia política, notadamente pelo debate sobre sua doutrina a respeito da maldade natural humana (“o homem é o lobo do próprio homem”) e sua defesa do absolutismo.

Thomas Hobbes (1588-1679) nasceu em Westport, Inglaterra. No período da revolução liberal inglesa, apoiou o rei Carlos I, que acabou derrotado e decapitado, o que obrigou o filósofo a exilar-se na França, onde entrou em contato com a filosofia de Descartes.

O pensamento de Hobbes foi muito influenciado pelas ideias de Bacon e Galileu. Como estes, ele abandonou as grandes pretensões metafísicas (a busca da essência do ser) e procurou investigar as causas e propriedades das coisas. Para Hobbes, a filosofia seria a **ciência dos corpos**, isto é, de tudo que tem existência material. Os **corpos naturais** seriam estudados pela filosofia da natureza; os **corpos artificiais** ou **Estado**, pela filosofia política. E o que não é corpóreo deveria ser excluído da reflexão filosófica.

### 1.2. Os sentidos são a origem do conhecimento

Hobbes defendia que nossos pensamentos e raciocínios são possíveis por causa das representações mentais que temos de coisas que estão fora de nós. Essas representações ou ideias são produzidas pelos nossos órgãos dos sentidos. Em outras palavras, o filósofo argumentava que não há nada na mente que não tenha sido inicialmente gerado, pelo menos em parte, por alguma percepção sensível. Quer dizer, criamos representações das coisas olhando para elas, tocando-as, escutando-as, cheirando-as ou sentindo seu gosto.

Você e eu temos em nossa mente representações das coisas que percebemos por meio dos sentidos, por exemplo, ideias a respeito de uma pessoa específica, de uma casa ou da comida de que mais gostamos.

Segundo Hobbes, depois que temos a experiência dos sentidos, adquirimos representações ou ideia das coisas e, por meio delas, podemos raciocinar, calcular, prever; podemos, enfim, desenvolver operações intelectuais.

### 1.3. O controle da natureza

Seguindo os passos de Francis Bacon (1561-1626), outro empirista inglês, o filósofo Hobbes defendia que a capacidade humana de prever e raciocinar, refletindo sobre ações futuras e prevenindo possíveis acontecimentos, permitia ao homem controlar a natureza. Para Hobbes, o objetivo da ciência era ampliar o domínio do ser humano sobre a natureza.

Para fazer isso, a ciência deveria estudar ou investigar os fenômenos naturais e descobrir a relação entre as causas e as consequências desses fenômenos. Essa descoberta tornaria possível controlá-los. Por exemplo, se sei que a água evapora a determinada temperatura, posso provocar a evaporação de certa

quantidade de água ao elevar sua temperatura. Posso controlar esse fenômeno natural porque conheço a relação entre causa e efeito.

Dessa maneira, Hobbes pensava que, quanto mais o ser humano conhecesse as leis da natureza, quanto mais conhecesse as relações de causa e efeito dos fenômenos, mais poderia dominar a natureza e utilizá-la em seu benefício.

#### 1.4. Ética e política

No plano ético, Hobbes defende que o que chamamos de **bem** é tão somente o que desejamos alcançar, enquanto o **mal** é apenas aquilo de que fugimos. Isso se explicaria pelo fato de que, no entendimento desse pensador, o valor fundamental para cada indivíduo é a **conservação da vida**, ou seja, a afirmação e o crescimento de si mesmo. Assim, cada pessoa sempre tenderá a considerar como bem o que lhe agrada e como mal o que lhe desagrada ou ameaça.

Portanto, na filosofia hobbesiana não há espaço para o bem e o mal como valores universais a serem introjetados nas pessoas. A pergunta que pode surgir então é a seguinte: se o bem e o mal são relativos, isto é, são determinados pelos indivíduos, como será possível **a convivência entre as pessoas**?

Hobbes responde a essa questão nos livros *Leviatã* e *Do cidadão*, nos quais defende a necessidade de um **poder absoluto** que mantenha os indivíduos em sociedade e impeça que se destruam mutuamente.

#### 1.5. Hobbes: o Estado soberano

O primeiro grande **contratualista** (aquele que tenta explicar os caminhos que levam as pessoas a formarem governos) foi o filósofo inglês **Thomas Hobbes** (1588-1679). Em sua investigação, concluiu que o ser humano, embora vivendo em sociedade, não possui o instinto natural de sociabilidade, como afirmou Aristóteles.

Para Hobbes, cada indivíduo sempre encara seu semelhante como um concorrente que precisa ser dominado. Segundo o filósofo, onde não houve o domínio de um indivíduo sobre outro, existirá sempre uma competição intensa até que esse domínio seja alcançado.

#### ❖ Guerra de todos contra todos

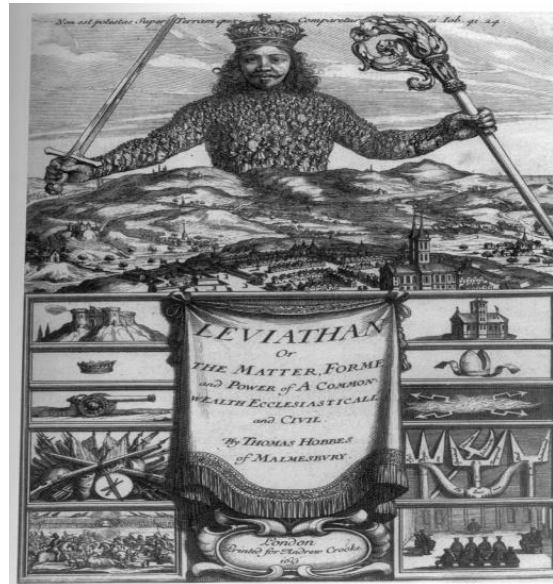
A consequência óbvia dessa disputa infundável entre os seres humanos em **estado de natureza** teria sido o surgimento de um **estado de guerra** e de matança permanente nas comunidades primitivas. Por isso, nas palavras de Hobbes, “o homem é o lobo do próprio homem” (da expressão latina *homo homini lupus*).

Só havia uma solução para dar fim à brutalidade primitiva: a criação **artificial** da sociedade política, administrada pelo Estado. Para isso, os indivíduos tiveram de firmar um **contrato** entre si (**contrato social**), pelo qual cada um transferia seu poder de governar a si próprio a um terceiro – o Estado –, para que este governasse a todos, impondo ordem, segurança e direção à conturbada vida em estado de natureza.

Hobbes apresentou essas ideias primeiro em sua obra *Do cidadão* e depois em *Leviatã*. Nesta última, compara o Estado a uma criação monstruosa do ser humano, destinada a pôr fim à anarquia e ao caos das

relações humanas. O nome **Leviatã** refere-se ao monstro bíblico citado no *Livro de Jó (40-41)*, onde é assim descrito:

O seu corpo é como escudos de bronze fundido [...] Em volta de seus dentes está o terror [...] O seu coração é duro como a pedra, e apertado como a bigorna do ferreiro. No seu pescoço está a força, e adiante dele vai a fome [...] Não há poder sobre a terra que se lhe compare, pois foi feito para não ter medo de nada.



Frontispício da primeira edição de *Leviatã*, Londres, 1651. Nessa obra, Hobbes defende a legitimidade do poder político absoluto, baseando-se na concepção de uma natureza humana competitiva e destrutiva à qual somente um poder forte do Estado teria condições de fazer frente.

Vejamos, nas palavras do próprio Hobbes, como ele imaginou o estabelecimento do contrato social que deu origem ao Estado (*Leviatã*). Para o filósofo, a única maneira que os indivíduos tinham para instituir, entre si, um poder comum era.

[...] conferir toda sua força e poder a um homem, ou a uma assembleia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade [...] é como se cada homem dissesse a cada homem [...] transfiro meu direito de governar-me a mim mesmo a este Homem, ou a esta Assembleia de homens, com a condição de transferires a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações.

Feito isto, à multidão assim unida numa só pessoa se chama Estado [...] É esta a geração daquele grande *Leviatã* [...] ao qual devemos [...] nossa paz e defesa. Pois graças a esta autoridade que lhe é dada por cada indivíduo no Estado, é-lhe conferido o uso de tamanho poder e força que o terror assim inspirado o torna capaz de conformar as vontades de todos eles, no sentido da paz em seu próprio país, e da ajuda mútua contra os inimigos estrangeiros. É nele que consiste a essência do Estado, a qual pode ser assim definida: uma pessoa de cujos atos uma grande multidão, mediante pactos recíprocos uns com os outros, foi instituída por cada um como autora, de modo a ela poder usar a força e os recursos de todos, da maneira que considerar conveniente, para assegurar a paz e a defesa comum. Àquele que é portador dessa pessoa se chama Soberano, e dele se diz que possui poder soberano. Todos os restantes são súditos. (*Leviatã*, p. 105-106.).

## 1.6. John Locke



Um dos maiores representantes do empirismo britânico, Locke manifestou interesse por diversos campos de estudo, como química, teologia, filosofia, mas formou-se em medicina. Seu pensamento empirista e liberal inspirou diversos filósofos do Iluminismo, como Montesquieu e Voltaire.

O filósofo John Locke (1632-1704) nasceu em Wrington, Inglaterra. Durante os tempos de universidade, decepcionou-se com o aristotelismo e com a escolástica medieval, enquanto tomava contato com o pensamento de Francis Bacon e René Descartes. Problemas políticos obrigaram-no a sair de seu país, em 1675, e exilar-se na França e, posteriormente, na Holanda. Regressou à Inglaterra somente em 1688, durante a Revolução Gloriosa, que levou Guilherme de Orange ao trono da Inglaterra. A partir de então, pôde dedicar-se livremente às atividades intelectuais.

## 1.7. Tábula rasa

Com o *Ensaio acerca do entendimento humano*, Locke tornou-se o principal representante do empirismo britânico e uma referência nos estudos gnosiológicos (estudos sobre a questão do conhecimento). Nessa obra, combateu duramente a doutrina cartesiana segundo a qual o ser humano possui **ideias inatas**. Ao contrário de Descartes, o filósofo inglês defendia que nossa mente, no instante do nascimento, é como uma **tábula rasa**.

O substantivo **tábula** significa “tábua” ou “placa de madeira” ou de outro material; o adjetivo **rasa** quer dizer “plana, lisa”. Assim, a expressão tábula rasa usada por Locke tem o significado de “tábua lisa”, na qual nada foi escrito nem gravado. Ao nascer, nossa mente seria como um papel em branco, sem nenhuma ideia previamente escrita.

Assim, Locke retomava a tese empirista segundo a qual nada existe em nossa mente que não tenha sua origem nos sentidos. Para ele, as ideias que possuímos são adquiridas ao longo da vida mediante a experiência sensível imediata e seu processamento interno. Desse modo, o conhecimento seria constituído basicamente por dois tipos de experiência:

❖ **Externa ou sensação** – relacionada às coisas que percebemos fora de nós. Por exemplo, se vemos um cavalo branco ou uma flor branca, surge em nossa mente a ideia de branco. Assim acontece com as ideias de amarelo, vermelho, quente, frio, mole, duro, doce, amargo, áspero, liso e todas as outras qualidades que atribuímos às coisas.

❖ **Interna ou reflexão** – relacionada às operações da própria mente. Dessas operações surgem as ideias de dúvida, pensamento, vontade, raciocínio etc.

Assim, a reflexão seria nosso “sentido interno”, que se desenvolve quando a mente se debruça sobre si mesma, analisando suas próprias operações. Das ideias simples, a mente avança em direção as ideias cada vez mais complexas. Porém, para Locke, de qualquer maneira a mente sempre tem “as coisas materiais externas, como objeto de sensação, e as operações de nossas próprias mentes, como objeto da reflexão” (*Ensaio acerca do entendimento humano*, p. 160) .

O filósofo admitia, no entanto, que nem todo conhecimento se limita exclusivamente à experiência sensível. Considerava, por exemplo, o conhecimento matemático válido em termos lógicos, embora não tivesse como base a experiência sensível. Nesse sentido, Locke não era um empirista radical.

### 1.8. Crítica ao absolutismo

Analisando o filósofo e o homem político, podemos dizer que Locke, de certa maneira, “transportou” suas teorias sobre o conhecimento humano para o campo sociopolítico. Para ele, assim como não existem ideias inatas, também não deveria existir **poder inato** (ou de origem divina), como defendiam os adeptos do absolutismo monárquico.

Revelando sua preocupação em proteger a liberdade do cidadão, defendia que o poder social deveria nascer de um **pacto** entre as pessoas. Por sua vez, as leis deveriam expressar as normas estabelecidas pela própria comunidade, que escolheria, através do mútuo consentimento dos indivíduos, a forma de governo considerada mais conveniente ao bem comum.

A única maneira pela qual uma pessoa qualquer renuncia à liberdade natural e se reveste dos laços da sociedade civil consiste em concordar com outras pessoas em juntar-se e unir-se numa comunidade para viverem com segurança, conforto e paz. (LOCKE, *Segundo tratado sobre o governo*, p. 71)

Em razão das suas ideias políticas – pois foi um adversário ferrenho da tirania e do abuso do poder-, Locke é apontado por muitos historiadores como o “pai do Iluminismo”. Seu pensamento exerceu profunda influência na fundamentação ideológica da democracia liberal burguesa, contribuindo para a difusão de valores iluministas como a **tolerância religiosa**, o respeito pela **liberdade individual**, a expansão do **sistema educacional** e a **livre-iniciativa econômica**.

### 1.9. Locke: o Estado liberal

Assim como Hobbes, o filósofo inglês **John Locke** (1632-1704) também refletiu sobre a origem do poder político e sua necessidade de congregar os seres humanos, que, em **estado de natureza**, viviam **isolados**.

No entanto, enquanto Hobbes imagina um estado de natureza marcado pela violência e pela “guerra de todos contra todos”, Locke faz uma reflexão mais moderada. Refere-se ao estado de natureza como uma condição na qual, pela falta de uma normatização geral, cada um seria juiz de sua própria causa, o que levaria ao surgimento de **problemas nas relações entre os indivíduos**.

Para evitar esses problemas é que o Estado teria sido criado. Sua função seria a de garantir a **segurança** dos indivíduos e de seus **direitos naturais**, como a liberdade e a propriedade, conforme expõe Locke em sua obra *Segundo tratado sobre o governo*.

Diferentemente de Hobbes, portanto, Locke concebe a sociedade política como um meio de **assegurar os direitos naturais** e não como o resultado de uma transferência de direitos dos indivíduos para o governante e as instituições de governo. Assim nasce a concepção de **Estado liberal**, segundo a qual o Estado deve regular as relações entre os indivíduos e atuar como juiz nos conflitos sociais. Mas deve fazer isso garantindo aquilo que precede a própria criação do Estado: as **liberdades** e os **direitos individuais**, tanto no que se refere ao pensamento e à sua expressão quanto à propriedade e à atividade econômica.

## 2. O empirismo de Berkeley

O filósofo e bispo irlandês George Berkeley tinha um espírito fortemente religioso. Suas principais formulações e escritos procuravam combater o ateísmo e as filosofias materialistas. Nesse combate, Berkeley discordava tanto dos indivíduos que não acreditavam na existência de Deus como dos pensadores que defendiam que o mundo é inteiramente composto de matéria. Movido por sua religiosidade, o filósofo sustentou que “Ser é ser percebido”, o que supera a ideia de que a matéria é o que constitui o ser. Vejamos como ele chegou a essa original formulação.

### 2.1. Não existe matéria que não dependa da mente

Neste instante, uma pedra acaba de cair no Rio Negro, em plena Floresta Amazônica. Ninguém a viu, tampouco ouviu o barulho de sua queda. Esse som realmente existiu? Provavelmente você responda que sim, pois existem coisas que acontecem independentemente da nossa percepção. Por exemplo, quando terminamos a leitura de um livro e o colocamos na prateleira da biblioteca, mesmo que passe anos sem ser lido ou notado, ele permanece existindo, ou seja, o simples fato de não encontrar um leitor não faz o livro desaparecer. Sua existência não depende de ser ou não percebido, assim como a de tudo o que existe. A sua escola também não desaparece quando, de madrugada, todos estão dormindo e nenhum aluno a frequenta.

Assim acontece com todas as coisas corporais da natureza, como uma árvore, um tigre, um rio ou uma estrela. Portanto, as existências do barulho, da pedra e do rio independem da nossa percepção. Mas Berkeley não pensava assim. Para ele, a existência de substâncias materiais fora da mente era apenas uma suposição.

Quer dizer, para Berkeley, só podemos afirmar a existência daquilo que percebemos, daquilo que aparece em nossa mente: as ideias. Estas são o material do nosso conhecimento. Como, então, elas surgem? As ideias surgem dos sentidos – o odor, a temperatura, a cor, o sabor etc. – ou das operações da mente sobre a percepção – o raciocínio. E as sensações não estão fora da consciência. Portanto, para esse filósofo, só podemos afirmar a existência das sensações ou das ideias que são trabalhadas pela mente. Em outras palavras, só conhecemos ideias. Não podemos conhecer nada que não esteja na mente ou não possa ser percebido pelos sentidos.



Foto aérea do Arquipélago de Anavilhanas, no estado do Amazonas, 2008. Para Berkeley, podemos garantir a existência das ideias (como a ideia de um rio), embora não seja seguro pensar que as coisas externas ao ser humano existam fora do pensamento. Por isso, Berkeley afirmava: “Ser é ser percebido”.

## 2.2. A substância material é uma suposição

Você já deve ter percebido que Berkeley partiu de algumas ideias de Locke, mas depois se distanciou dele. Como Locke, o filósofo irlandês defendia que as ideias são os únicos elementos do conhecimento e que elas surgem ou têm origem nas sensações ou nas operações mentais.

Apesar desses aspectos comuns, as reflexões de Berkeley sobre o conhecimento tomaram um rumo diferente das de Locke. Locke defendia a existência de objetos materiais externos que afetam o ser humano e provocam as sensações. Por exemplo, o som de uma flauta, para Locke atinge nossos ouvidos e, a partir disso, temos a ideia desse som na mente. Nesse caso, a flauta, um objeto material externo, produziu um som que afetou nosso sentido auditivo e, como consequência, apareceu na mente a ideia do som transmitido.

Berkeley, contudo, diria que podemos falar do som ou da imagem da flauta, pois é verdade que temos sensações ou ideias auditivas e visuais. Entretanto, não poderíamos afirmar que existe uma substância material flauta ou um som material externo, porque somente conhecemos as ideias ou as sensações.

O filósofo irlandês pensava que as coisas sensíveis só existiriam na mente como ideias decorrentes da percepção. Quer dizer, o fato de haver ideias ou sensações na mente não provaria a existência de uma substância material ou corporal exterior. Por isso, a filosofia de Berkeley ficou conhecida como **empirismo imaterialista**.

Para esse pensador, conhecer algo é percebê-lo por meio dos sentidos, ou seja, não existiria nada além do que os sentidos são capazes de perceber.

## 2.3. Deus e as sensações humanas

O pensamento de Berkeley foi um modo original de negar o materialismo da filosofia empirista sem abrir mão da experiência sensível. Você talvez esteja se perguntando: “Mas se não são os objetos externos materiais (como a flauta, uma mesa ou uma bola) que provocam nossos sentidos, qual é a causa de nossas sensações ou percepções? O que afeta a nossa mente para que ela tenha ideias dos objetos, sons, cores etc?”



Berkeley defendia que Deus seria o responsável por todas as sensações humanas. Para o filósofo, nossos sentidos seriam afetados por Deus, provocando as ideias sensíveis. Seguindo uma ordem divina, as ideias seriam suscitadas em nós e as leis da natureza respeitariam essa ordem.

### 3. David Hume



David Hume

Nascido em Edimburgo, Escócia, Hume ocupou importante posição na diplomacia inglesa. Realizou diversas viagens a países europeus, como França e Áustria, estabelecendo contato com pensadores destacados na época, entre eles Jean-Jacques Rousseau.

Crítico do racionalismo dogmático do século XVII e do inatismo cartesiano, em sua obra *Investigação acerca do entendimento humano*, Hume defendeu outra tese segundo a qual todo conhecimento deriva da experiência sensível.

A principal preocupação do filósofo foi investigar a natureza humana. Ele pretendia deixar claros os princípios ou as leis universais que regem a vida do homem. Hume pensava que o desenvolvimento de uma ciência humana auxiliaria todas as demais ciências, pois a matemática e as ciências naturais dependiam do conhecimento humano. Desse modo, como Locke e Berkeley, Hume procurou investigar as possibilidades e os limites do conhecimento. Em outras palavras, esses três pensadores procuraram responder à pergunta: “O que o homem pode conhecer?”

#### 3.1. Experiência e observação

De certo modo, a investigação de Hume foi inspirada na física de Newton. Assim como a teoria do cientista explicava objetivamente os fenômenos naturais, Hume procurava determinar os princípios que ordenavam os acontecimentos na mente humana.

Por exemplo, da mesma maneira que Newton formulou as leis da gravidade e da inércia, que explicam o movimento da Lua em torno da Terra, Hume pretendia formular leis que explicassem as relações entre as ideias e os pensamentos, ou seja, leis que explicassem o funcionamento da mente.

Como Newton, Hume defendia que as investigações a respeito da natureza e do conhecimento humano deveriam se apoiar na **observação** e na **experiência**. O filósofo dizia que a ciência humana não deveria partir de ideias ou de princípios metafísicos, isto é, de princípios que não podiam ser observados. A ciência não deveria ter como fundamento nenhuma ideia que estivesse além da experiência, como faziam a filosofia escolástica e o pensamento aristotélico.

Para esse filósofo, nada que não pudesse ser observado poderia ser conhecido com segurança. Por exemplo, percebemos como a natureza é complexa, como o organismo dos seres vivos é perfeito, como o universo é harmônico e supomos que exista um ser inteligente que governa tudo, um Deus. Não podemos saber, no entanto, se esse ser realmente existe, pois ele está além da nossa experiência. Não podemos vê-lo nem tocá-lo. Podemos apenas supor sua existência. Em poucas palavras, para Hume, nada é certo fora da experiência e da observação.

“Assim como a ciência do homem é o único fundamento sólido para as outras ciências, assim também o único fundamento sólido que devemos dar a ela deve estar na experiência e na observação”. (HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.22).

### 3.2. As percepções da mente

Para Hume, existem dois tipos de percepção mental: as **impressões sensíveis** e as **ideias**. As impressões são sensações ou emoções que vivemos de maneira imediata, como a dor, ou a percepção direta de algo (ver uma caneta, tocar um livro, escutar uma música), ou, ainda, um sentimento forte como a paixão. As ideias são imagens ou cópias das impressões e estão presentes no pensamento ou raciocínio.

Assim, por exemplo, a percepção imediata de um sorvete é uma impressão sensível. A lembrança de que saboreamos um sorvete é uma ideia. A emoção de marcar um gol é uma impressão. Relembrar a vitória de nosso time é uma ideia. As impressões sensíveis são mais nítidas e vividas na mente do que as ideias.

Com base nas relações entre impressões sensíveis e ideias, Hume investigou as regras de associação do pensamento e procurou explicar o entendimento humano sobre o mundo.

### 3.3. Até onde o conhecimento humano pode ir?

Pelo que foi dito até agora, você já deve saber qual é a resposta de Hume a essa pergunta. Para ele, o limite do conhecimento é a experiência, o que o ser humano pode perceber pelos sentidos.

Assim, Hume foi mais consequente que Locke e Berkeley. Locke supôs que as substâncias materiais eram a causa das percepções sensíveis ou ideias. E a existência dessas substâncias iria muito além das qualidades percebidas pelos órgãos dos sentidos. Por exemplo, além do sabor, da cor, do cheiro e da textura de uma laranja, existiria a essência dessa laranja, uma substância material à qual todas as qualidades se reportariam.

Berkeley negava a existência de qualquer substância material e defendia que Deus era o responsável pelas sensações humanas.

Para Hume, contudo, tanto a existência de uma substância material, uma essência, quanto a existência de Deus estariam além da experiência. Não seria possível ver ou tocar a substância material nem Deus. Portanto, Hume não aceitava nenhuma dessas explicações.

O que provocaria as impressões sensíveis se não era Deus, tampouco as substâncias materiais externas ao ser humano? Hume defendia que não era possível saber com toda certeza a causa ou a origem das impressões sensíveis. Essa informação estaria além de nosso entendimento, porque não podemos obtê-la por meio da experiência sensível, que é a única forma de conhecer seguramente para Hume.

## Exercícios de Fixação

1) O texto a seguir é do escritor e pintor inglês Willian Blake (1757-1827), que, em muitas de suas obras, tratou de temas religiosos e místicos. Com base nas palavras transcritas abaixo, explique a que parte da teoria cartesiana o autor direcionou sua crítica. **“O homem não tem um corpo distinto da alma, pois aquilo que denominamos corpo não passa de uma parte de alma discernida pelos cinco sentidos, seus principais umbrais nestes tempos”**. (BLAKE, Willian. *O casamento do céu e do inferno & outros escritos*. Tradução de Alberto Marsicano. Porto Alegre: L & PM, 2007. P.16.)

---

---

---

2) Observe a imagem.



Obra da artista norte-americana Barbara Kruger, 1983, na qual se lê *I shop there fore I am* (“Compro, logo existo”).

a) A que afirmação de Descartes essa obra se refere?

---

---

b) Redija um breve parágrafo sobre a crítica feita pela obra à sociedade atual.

---

---

---

3) Associe cada filósofo à frase que expressa seu pensamento.

a) Galileu      b) Descartes      c) Espinosa      d) Leibniz

- ( ) Além das verdades necessárias, existem as verdades contingentes.
- ( ) O universo está escrito em linguagem matemática.
- ( ) Deus é a única substância que existe.
- ( ) Penso, logo existo.

4) Por que, para Espinosa, não há livre-arbítrio?

5) Assinale a alternativa **incorreta** sobre os filósofos racionalistas.

- a) Para Descartes, entre as coisas criadas por Deus, há dois tipos de substâncias: a pensante e a extensa.
- b) Para Espinosa, toda realidade é manifestação do divino e segue uma ordem geométrica.
- c) Leibniz defendia a existência de uma harmonia preestabelecida por Deus.
- d) Apesar de terem diferenças entre si, Leibniz, Espinosa e Descartes defendiam que o ser humano era capaz, por meio da razão, de determinar suas ações, emoções e pensamentos; ou seja, era livre para adaptar as leis divinas aos seus interesses e necessidades.

6) Escreva **(D)** na frase que diz respeito ao pensamento de Descartes, **(LE)** de Leibniz, **(E)** de Espinosa, **(H)** de Hobbes e **(LO)** de Locke.

- a) ( ) Todo homem é inimigo de todo homem.
- b) ( ) Só existe verdadeiramente uma substância: Deus.
- c) ( ) Em uma sociedade política, todos devem estar subordinados às leis.
- d) ( ) Entre as coisas criadas, há dois tipos de substância: a pensante e a extensa.
- e) ( ) Há dois tipos de verdade: verdades de razão e verdades de fato.

7) Assinale a afirmativa correta. **Para os empiristas:**

- a) a experiência enriquece o conhecimento racional.
- b) a razão é a fonte ou a origem de todo conhecimento.
- c) a experiência sensível é a fonte ou a origem de todo conhecimento.
- d) nem a razão nem a experiência levam ao conhecimento verdadeiro.

8) Segundo Hobbes e outros pensadores, como Francis Bacon, o conhecimento científico leva ao domínio da natureza pelo homem. No entanto, o avanço da ciência e da tecnologia tem trazido desequilíbrios naturais e consequências desastrosas para o ser humano, como a poluição dos rios, a extinção de várias espécies animais, o aumento dos casos de doenças respiratórias decorrentes da poluição atmosférica etc. **Cite mais dois exemplos de consequências nocivas da intervenção do homem sobre a natureza.**

---

---

---

9) Marque apenas a afirmativa **incorreta**. Segundo Hobbes:

- a) a razão é uma função ou capacidade presente em diversos animais.
- b) a ciência deve ser o estudo das causas materiais ou físicas dos fenômenos.
- c) o conhecimento humano tem origem divina, ou seja, é a razão divina que ilumina a razão humana.
- d) o raciocínio e os pensamentos só são possíveis por causa das representações mentais que temos das coisas que estão fora de nós.

10) **Thomas Hobbes** acreditava que o “homem era o lobo do homem”. O que Hobbes queria dizer com isso?

---

---

---

11) **John Locke** acreditava que o homem era uma criatura naturalmente “racional e social”, com inclinação para o bem e um forte senso de amor ao próximo e empatia pela dor alheia. Nesse sentido, o que motivaria o homem natural de Locke a se sujeitar ao contrato social?

---

---

---

---

12) Leia o texto abaixo e responda:

“À primeira vista, nada pode parecer mais ilimitado do que o pensamento humano, que não apenas escapa a toda autoridade e a todo poder do homem, mas também nem sempre é reprimido dentro dos limites da natureza e da realidade. [...]

Entretanto, embora nosso pensamento pareça possuir esta liberdade ilimitada, verificaremos [...] que ele está realmente confinado dentro de limites muito reduzidos e que todo poder criador do espírito não ultrapassa a faculdade de combinar, de transpor, aumentar ou de diminuir os materiais que nos foram fornecidos pelos sentidos e pela experiência. Quando pensamos numa montanha de ouro, apenas unimos duas ideias compatíveis, ouro e montanha, que outrora conhecêramos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, pois o sentimento que temos de nós mesmos nos permite conceber a virtude e podemos uni-la à figura e forma de um cavalo, que é um animal bem conhecido.” (HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. In: Hume. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.p.37. Coleção Os pensadores).

a) Segundo Hume, o pensamento humano é ou não ilimitado? Explique.

---

---

---

b) Como Hume justificaria a compreensão a respeito do ser mítico representado abaixo?



A educação de Aquiles pelo centauro Quíron, pintura do artista italiano Pompeo Batoni, 1746.

---

---

---

13) Marque a afirmativa **correta** a respeito de Berkeley.

- a) Defendia que não era possível afirmar seguramente a existência de substâncias materiais fora da mente.
- b) Acreditava que as ideias surgiam diretamente das coisas da natureza criadas por Deus.
- c) Afirmava que as qualidades ou os atributos das substâncias materiais causariam novas sensações.
- d) Ficou conhecido por ter desenvolvido o empirismo materialista.

*“É preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania.” Paulo Freire*